

5 O CRITO DO POVO

JORNAL OPERÁRIO COMUNISTA Nº1 DEZEMBRO DE 1971 Preço 1,0

ABAIXO A EXPLORAÇÃO

O MARCELO FALA, OS PREÇOS
SOBEM.

É o pão, é o leite, é o azeite, é o bacalhau, é a carne, é o peixe, são os transportes, são as rendas de casa, é tudo. Isto está cada vez pior. O povo já se habituou a esperar que alguma coisa aumente depois do Marcelo vir com as "conversas" para a TV. Que é por isto, que é por aquilo; que tem feito isto, que vão fazer aquilo, que se pudessem, mas que é igual em toda a parte, que tenham paciência. Mas o Marcelo já não engana ninguém. Depois dos primeiros meses a seguir à morte do outro, ainda houve quem acreditasse, quem tivesse esperança que isto ia mudar. Mas hoje a esmagadora maioria da classe operária e do

povo trabalhador de Portugal já compreendeu que capitalismo com Salazar, com Marcelo ou com outro qualquer é sempre capitalismo. E que capitalismo é riqueza para os burgueses e miséria para o povo. Que capitalismo é a forma dos capitalistas roubarem e espoliarem quem trabalha e viverem à custa do suor e sangue do povo. Mesmo sem por vezes compreenderem completamente porque é que a miséria é cada vez maior, a classe operária já compreendeu que os capitalistas, os burgueses, os fascistas com o Marcelo à cabeça, são inimigos do povo, são nossos inimigos de classe. Mas precisamos saber porque é que cada vez comemos pior, trabalhamos mais, somos mais explorados, para sabermos

como lutar, para sabermos quem são os nossos inimigos e quem são os nossos verdadeiros amigos. Só se olharmos para o mundo inteiro podemos perceber bem isto, a fundo. É que os burgueses deste país e dos outros países, os capitalistas imperialistas, desde que a classe operária e os povos se começaram a libertar da opressão, têm sofrido derrotas por todos os lados e estão agora a pão de pedir. Primeiro foi na Rússia, encabeçados por Lenine e Estaline, depois na China encabeçados pelo Presidente Mao-Tsé-Tung, e por aí fora, na Albânia, na Coreia, por toda a parte, os povos dirigidos pela classe operária, têm acabado com a mama dos imperialistas, têm nos escorraçado dos seus territórios. Hoje é por toda a parte: no Vietnam, no Laos, na Guiné, no Cambodja, no Brasil, em Angola, na Palestina, na Irlanda, em Moçambique, por toda a parte, os imperialistas vêm-se apertados cada vez com menos povos (trabalhadores, matérias-primas, monopólios do comércio, etc.,) para explorarem, pois os povos em armas caminham resolutamente para a libertação.

O capitalismo tem um fim, como teve um princípio. E esse fim está próximo. Os imperialistas caminham para o fim à medida que os povos se libertam. E moribundo, é como uma besta ferida. Ferida, é quando berra mais, é quando se torna ainda mais

feroz; mas por pouco tempo até apanhar o golpe final. Um dos sinais desse fim são as crises. O capitalismo está numa grave crise, doença de moribundo. E para tentar adiar esta derrota, os imperialistas, o capitalismo internacional, lança-se em todos os países por si dominados numa desenfreada campanha de exploração dos trabalhadores, disfarçada em muitas conversas que os desmascaram ainda mais: aumentam os preços dos produtos, e aqui ou ali, se os operários lutam, dão uns aumentozitos para lhes tapar os olhos. Os capitalistas aumentam muito mais de 10% o preço do custo de vida e nem 1% os salários por ano. Isto é como se baixassem os salários em muito, por ano. E ainda têm a pouca vergonha de dizerem nas leis, que os patrões não podem baixar os salários ... Ao mesmo tempo fazem os operários trabalhar mais: aumentam as cadências de trabalho, não dão um minuto para respirar, e andam a discutir na Câmara Corporativa uma maneira para nos obrigar a trabalhar 10 horas por dia e aos sábados durante metade do ano. Tudo isto são coisas que nós sabemos porque o sentimos todos os dias. A vida de um operário que tudo produz desde o pão às casas, é uma vida miserável. A vida dos burgueses capitalistas que nada fazem, que juntaram o dinheiro à custa de roubarem o trabalho dos operários, é uma vida de

luxo, de abundância. Porque é que há miséria? Porque o país é pobre? Não. Isso é uma grande mentira que os fascistas nos querem fazer acreditar para ficarem eles com a riqueza e para nós não vermos onde está a causa da miséria que é o capitalismo. Como é que o país é pobre, se há tantos ricos? Se os burgueses gastam às centenas de contos por mês em luxos, se se constroem tantos palácios por semana, e se o Estado gasta mais de metade

do dinheiro que rouba ao povo, na guerra de repressão à luta armada de libertação dos nossos camaradas trabalhadores de África? O país não é pobre, não. Nam há países pobres. Há mas é países como este em que meia dúzia açambarca o valor do trabalho de milhões de trabalhadores. Operários! Camponeses! Soldados! Só o fim do capitalismo é o fim da exploração. Só o fim do capitalismo é o fim da miséria!

VIVA

A REVOLUÇÃO

Para mudarmos a nossa miserável situação de explorados só há uma maneira: LUTARMOS! Lutarmos mas não à toa, não de qualquer maneira, lutarmos de uma forma proletária, marxista-leninista, vitoriosa. Para a nossa luta ser eficaz, para conseguirmos transformar verdadeiramente a nossa situação, nós já sabemos, pelas experiências da história da luta dos operários e povos oprimidos do mundo inteiro, esta verdade universal: SÓ A REVOLUÇÃO POPULAR TENDO COMO FASE SUPERIOR E DECISIVA A LUTA ARMADA É CAPAZ DE POR FIM À EXPLORAÇÃO. Mas a revolução popular não é tarefa de meia-dúzia. A grande força do povo revolucionário é a sua esmagadora maioria. A Revolução Popular terá de ser obra das

grandes massas populares e cabeçadas e dirigida pela classe operária, numa luta de longa duração, desde as mais pequenas reivindicações até à insurreição popular armada e à guerra popular para a tomada do poder. Para seguirmos uma linha justa não podemos deixar de dar importância a qualquer aspecto da luta revolucionária. A Revolução é uma máquina em que todas as principais peças têm de funcionar, senão a máquina pára ou ... rebenta. Contudo devemos ter sempre presente, o objectivo da nossa luta, para que ela avance à medida que se desenvolve, e para chegar vitoriosa à tomada do poder pelos explorados, a democracia popular dirigida pela classe operária, a di-

caudura do proletariado sobre os exploradores, ao socialismo e ao comunismo.

AS LUTAS ECONÓMICAS REIVINDICATIVAS

Estas lutas são muito importantes, Se bem que só por si não modifiquem a situação no fundamental, elas servem para um melhoramento provisório das condições operárias, e sobretudo para dar aos operários experiência de luta unidos. Esta experiência de luta unidos é muito importante. Faz avançar a consciência de classe, incute-lhes confiança e coragem, aumenta-lhes o saber quer em relação às formas de luta, quer em relação ao rumo a seguir. Na luta económica reivindicativa há vários vícios, entre eles um, hoje o mais importante, que é um vício revisionista, que devemos banir e destruir completamente porque é inimigo da nossa luta. É a ideia de que a luta económica é tudo, quando devemos por todas as formas fazê-la elevar para um plano político. Para um plano revolucionário. Para a luta revolucionária contra a burguesia e o capitalismo personificados no estado burguês. Outro problema sobre o qual temos de abrir bem os olhos quando tratamos da luta económica reivindicativa, é a questão dos sindicatos. Temos de saber para que servem e para que não servem. Os sindicatos como quase tudo que é legal

neste país estão geralmente dominados pela repressão fascista da ditadura burguesa. Como tal são geralmente "agências da Pide" como dizia um panfleto operário. Mas por vezes, raras vezes, direcções que defendem até certo ponto alguns interesses dos trabalhadores são eleitas. Devemos ir então todos para estes sindicatos e abandonar tudo? Não! Esta ideia é errada. Devemos fazer como se fossem os sindicatos - agências da Pide? apedrejando-os como fizeram há uns anos os operários de Pero Pinheiro com os Sindicatos Nacionais Fascistas? Também não! Esta ideia também é errada. Que devemos fazer então? Devemos aproveitar as possibilidades que esses sindicatos (que são raros) nos dão para nos unirmos, para comunicarmos entre nós, o que neste país de ditadura fascista da burguesia já é um avanço se fôr devidamente aproveitado. Devemos ultrapassar rapidamente as direcções e passar à luta seguindo as palavras de ordem clandestinas revolucionárias, sem nos preocuparmos com as ladainhas e as papeladas que os chefes do sindicato possam atirar. E porquê? Porque como muito bem diz o panfleto acima referido, as pouquíssimas direcções relativamente honestas que conseguem ser livremente eleitas, das duas uma: ou são presos por abrirem a

boca para lá do que interes-
sa ao patrão e ao Estado. Bur-
guês e então ou ficam na ca-
deia sem fazerem nada ou fi-
cam com medo e recuam train-
do os interesses operários,
ou então deixam-se corromper
pelos cargos e passam a ser-
vir os patrões dizendo ser-
vir os trabalhadores, o que
se verifica na grande maio-
ria dos sindicatos dos paí-
ses capitalistas avançados
em que são agências dos pa-
trões mas desta vez "livre-
mente" eleitos. Embora aqui
ainda não se tenham verifi-
cado totalmente estes últi-
mos casos de corrupção de di-
recções sindicais de confian-
ça dos trabalhadores, temos
de ter cuidado e atenção com
a evolução da situação. Cá,
o primeiro caso, ou seja os
dirigentes sindicais serem
presos por abrirem a boca
demais e o sindicato fechado
indo eles então para a cadeia
ou recuando com medo, é o que
mais se tem verificado e o
mais provável, e a principal
razão porque não podemos u-
sar o sindicato a não ser pa-
ra nos encontrarmos todos e
discutirmos até certo ponto,
assimilando as palavras de
ordem revolucionárias clan-
destinas e passando à luta;
por exemplo: os metalúrgicos
e o contracto colectivo.
Está certo que tivéssemos
ido ao sindicato reivindicá-
-lo, discuti-lo e elaborá-lo,
sempre com a consciência fir-
me de que a reivindicação do
contracto é só uma primeira
fase da nossa luta; mas de-

pois; não temos nada que es-
perar pela "luta" que os di-
rigentes sindicais façam.
Eles não podem e em alguns
casos não querem fazer nada.
Se conseguem uns aumentos
de salários que os patrões
até dão para os satisfazer
e para tentarem satisfazer
os trabalhadores, não conse-
guem a diminuição da dura-
ção do trabalho, não conse-
guem o fim ou até a diminui-
ção do aumento da carestia
da vida, e portanto pouco
ou nada resolvem e em nada
mudam a nossa situação de
explorados e de oprimidos.
(Aliás a diminuição da du-
ração do trabalho e o fim
do aumento da carestia da
vida, não modificaria tam-
bém no fundamental a nossa
situação, mas poderia, se
devidamente enquadrada na
nossa luta revolucionária
ser um avanço). Quando sa-
bemos que as coisas estão
assim com os sindicatos e
as direcções não saiem dis-
to, está certo, os sindicatos
fazem lá o trabalho deles
e nós usamo-lo como nos
interessa. Mas quando eles
querem meter na malta, na
classe operária, a ideia do
sindicatos e da luta legal
(e semi-legal) contra a i-
deia proletária da Revolu-
ção e respectiva organiza-
ção básica e dirigente, clandes-
tina, então temos de os cor-
rer a sério, porque estão a
ser perigosos revisionistas
perigosos venenos a entrarem
na classe operária.

DA LUTA ECONÓMICA PARA A LUTA POLÍTICA.

Um grave erro que convém des-
de já liquidar e estarmos a-
mentos ao seu aparecimento
ao decorrer da luta, é o da
confusão (algumas vezes pro-
positada) entre estas duas
lutas. Lenine, genial guia
do proletariado russo e mun-
dial viu muito bem a gravi-
dade da questão e soube a-
expor de maneira clara, defi-
niu a luta política por aque-
la que se realiza contra o
aparelho de estado burguês.
Lenine, levantava-se desta
forma contra os que diziam
ser a luta económica uma luta
política já, interpretando
mal e deturpando propositada-
mente o que havia escrito e
demonstrado Karl Marx. Os
inimigos de Lenine, os revi-
sionistas, hoje voltam na
prática, a defender as mes-
mas teorias, como expomos
noutro local deste jornal.
Combatem a luta política, e
de carácter vincadamente pro-
letária e marxista-leninista,
em todas (poucas) as lutas
económicas em que estão me-
tidos, nunca tentam elevá-
-las para o plano político,
ora vociferando entre dentes,
que as massas não percebem,
ora dizendo que neste país
a luta económica já é uma
luta política porque não há
direito a nenhuma forma de
luta portanto seria uma vi-
tória contra o fascismo. Ora
toda esta treta que até pare-
ce, se não pensarmos bem, que
está lógica, esconde as in-

6
tenções tenebrosas dos re-
visionistas de combaterem
contra a luta política, di-
zendo "inocentemente" que a
económica já o é. Em resu-
mo, pretendem com isto cha-
mar ao económico, político;
ao elementar, superior, que
as massas não avancem para
a verdadeira luta política,
a que é feita contra o apa-
relho de estado burguês, a
que é feita abertamente con-
tra o sistema capitalista,
a luta revolucionária, a
única que nos libertará co-
mo já libertou milhões de
oprimidos do mundo inteiro.
Contudo os revisionistas,
se lutam contra a elevação
da luta operária, de econó-
mica para política, contra
dizem-se e desdizem-se cla-
ramente ao dizerem aos ope-
rários para fazerem assina-
turas, para se recensearem
e votarem nos "conhecidos
democráticos". (A estas
patranhas a classe operária
tem respondido devidamente,
manifestando bem alto que
não lhe interessa a luta
política entre a burguesia
-sua inimiga de classe -
nem tão pouco dos seus sec-
tores ditos "democráticos")
Os revisionistas estão poi-
desmascarados em relação a
esta questão vital para o
movimento operário.
Não devemos deixar de re-
ferir outro tipo de revi-
sionismo e oportunismo que
fez triste história há uma
dezenas de anos, mas que
pode reaparecer num canto
ou noutro, conforme as

movimentações da pequena burguesia e a desatenção da classe operária: o anarco-sindicalismo e o sindicalismo revolucionário.

Tanto um como outro, baseiam-se também na mesma miscelânea entre luta económica e luta política. Tanto um como outro tentam apoiar-se nos organismos operários de luta económica para fazerem a luta política que só com organismos políticos (organização partidária) se podem fazer. Como com esta prática acabam por não fazer verdadeira luta política proletária, acabam por ir cair no mesmo que os anteriores revisionistas: com muito paleio de aparência revolucionária, combate a verdadeira luta política do proletariado.

A ORGANIZAÇÃO DO PROLETARIADO

Se definimos a luta política como leninistas pela luta dirigida contra o aparelho de Estado burguês, temos de estudar a forma organizativa de a fazer. Também Lenine, e a prática dos proletários de todo o mundo incluindo as nossas próprias experiências, nós mostram que só um partido forte, um partido disciplinado que agrupe os operários mais avançados, que se já capaz de conhecer toda a realidade do Sul ao Norte, das forças do movimento operário e popular e das forças da burguesia e do imperialismo, que seja capaz portanto de imprimir uma direcção

justa, vitoriosa ao movimento, pode levar a classe operária e o povo revolucionário à vitória, unindo o povo em torno da direcção da classe operária, dirigindo as forças armadas populares conduzindo-nos pois na construção do socialismo e do comunismo.

Só o partido político do proletariado é a forma organizativa capaz de elevar a luta do económico ao político, do elementar para o superior, das pequenas vitórias reivindicativas para a grande vitória final revolucionária sobre a dura burguesa. É por isso que os comunistas afirmam justamente que a tarefa organizativa para a qual se devem lançar todos os esforços neste momento é para a formação de um partido revolucionário do proletariado. Mas esse partido não pode sair duma reunião de amigos. A sua formação tem de ser a expressão organizativa das lutas da classe operária. É por isso que a palavra de ordem principal a dar pelos militantes revolucionários do proletariado no plano organizativo é a da organização política dos operários mais avançados, totalmente clandestino no sentido da formação do partido, sejam capazes para já de partir do estado actual do movimento para níveis superiores, que desencadeiem e desenvolvam as lutas, que possam levar às massas a

outras formas organizativas, que sejam, portanto os verdadeiros elementos constituintes da formação do partido.

A DIRECÇÃO POLITICA DA LUTA ECONOMICA

A justa distinção entre a luta económica e a luta política implica uma forma de articular essas duas lutas e a seguinte verdade universal do marxismo-leninismo, do comunismo científico: toda a luta operária deve ser dirigida politicamente. E porquê? Porque esta é a única forma das lutas se enquadram no plano libertador revolucionário, ao mesmo tempo que é a única forma de as fazer elevar de nível, de as tornar superiores. Se isto é certo para qualquer comunista verdadeiro e claro, para qualquer proletário revolucionário que tenha pensado na questão, já não é tão simples quando se põe o problema de saber no momento actual que nível e formas organizativas devem desencadear e desenvolver as lutas, bem como o modo de enquadrar e aproveitar as lutas espontâneas. Em relação a este problema fulcral, defendemos que neste momento são as organizações políticas revolucionárias dos operários a nível local (contruidas segundo a anterior palavra de ordem organizativa) que as devem desencadear e fomentar, dirigir e desenvolver a nível evidentemente clandestino. Isto porque a cons-

8
trução do partido verdadeiramente proletário e implantado nas massas é uma tarefa superior e mais urgente que qualquer outra e que justificaria qualquer questão que possa ser contraposta a esta linha. Elementos legais e semi-legais, são para os revolucionários uma tarefa que se segue em cada local e em cada zona à organização ilegal, revolucionária, clandestina, comunista. Por outro lado, só na prática da luta de massas o partido se edificará poderoso. Substituir a prática da luta de massas é um erro, substituir a tarefa prioritária da organização ilegal operária é outro. As formas organizativas de encarar a luta económica estão pois subordinadas antes de tudo à tarefa de edificar o partido. Isto é uma questão não só de carácter teórico, mas também ideológico que opprime a linha justa às linhas oportunistas.

PROLETÁRIOS DE
TODOS OS PAISES,
NAÇÕES E POVOS
OPRIMIDOS

UNI-VOS

NA LUTA SEMPRE HA
 SACRIFÍCIOS E A MORTE
 É COISA FREQUENTE; MAS
 PARA NÓS QUE TEMOS OS
 OLHOS POSTOS NOS INTE-
 RESSES DO POVO E NOS SO-
 FRIMENTOS DA IMENSA
 MAIORIA, ESSA É A MORTE
 DIGNA. NÃO OBSTANTE
 DEVEMOS REDUZIR AO MÍ-
 NIMO TODOS OS SACRIFÍ-
 CIOS DESNECESSÁRIOS

MAO TSE-TUNG

CITAÇÃO DO PRESIDENTE MAO TSE-TUNG

O EXERCÍCIO DA DITADURA DEMOCRÁTICA POPULAR IMPLICA DOIS MÉTODOS: PARA COM OS INIMIGOS A DITADURA; POR OUTRAS PALAVRAS, DURANTE O TEMPO QUE FOR NECESSÁRIO NÃO LHE PERMITIREMOS PARTICIPAR NA ACTIVIDADE POLÍTICA, OBRIGA-LOS-EMOS A SUBMETTER-SE ÀS LEIS DO GOVERNO POPULAR, FORÇA-LOS-EMOS A TRABALHAR PARA QUE PELO TRABALHO SE TRANSFORMEM EM HOMENS NOVOS; PELO CONTRÁRIO EM RELAÇÃO AO POVO, NÃO É PELA FORÇA MAS PELO MÉTODO DEMOCRÁTICO QUE ACTUAREMOS; POR OUTRAS PALAVRAS, O POVO TEM O DIREITO DE PARTICIPAR NA ACTIVIDADE POLÍTICA. É NECESSÁRIO EMPREGAR EM RELAÇÃO AO POVO MÉTODOS DEMOCRÁTICOS DE EDUCAÇÃO E DE PERSUAÇÃO, EM VEZ DE O OBRIGAR A FAZER ISTO OU AQUILO. ESTA EDUCAÇÃO É A AUTO-EDUCAÇÃO NO SEIO DO POVO. A CRÍTICA E A AUTO-CRÍTICA CONSTITUEM O MÉTODO FUNDAMENTAL PARA ESSA AUTO-EDUCAÇÃO.

Da intervenção de Mao na segunda sessão do Comité Nacional da Primeira Conferência consultiva política do Povo Chinês, em Junho de 1950.

FIM À EXPLORAÇÃO COLONIAL 11

A sociedade portuguesa é uma sociedade de classes, quer dizer que há classes exploradas e classes exploradoras. As classes exploradas são as classes trabalhadoras, os operários, os camponeses, e outros sectores oprimidos pelo capitalismo. A classe exploradora é a burguesia - são os donos das grandes lojas, os sócios das firmas comerciais, os donos das fábricas, banqueiros e todos os que acompanham esta corja, como por exemplo engenheiros, economistas, administradores, etc. Mas as classes exploradoras portuguesas não exploraram apenas os trabalhadores de cá. Exploram também o povo da Guiné, Angola e Moçambique e de todas as outras colónias portuguesas. Mas o que são afinal as colónias portuguesas?

As colónias portuguesas são grandes territórios e grandes povos que desde há vários séculos estão subjugados pela força. Primeiro eram os reis de Portugal e os grandes mercadores, que exploravam todo o povo português e que iniciaram o negócio da escravatura. Em África caçavam negros aos milhares e vendiam-nos como escravos para o Brasil e América para trabalharem nas plantações de açúcar, de algodão e várias outras. Mas a metrópole capitalista portuguesa sempre esteve muito atrasada e dependente em relação aos outros países capitalistas (principalmente à Inglaterra)

e só no actual século, principalmente a partir do desencadeamento da guerra popular revolucionária, é que os capitalistas portugueses se entregaram desenfreadamente à exploração das riquezas naturais e do trabalho dos povos africanos. O capitalismo português, de braço dado com o capital monopolista americano, sul-africano, inglês, alemão, belga, francês, italiano e agora também do japonês, há dezenas de anos que vem arrancando aos países africanos onde domina, riquezas enormes, roubadas à mão armada às populações, forçando essas populações a abandonar as suas terras e as suas culturas para dar lugar às grandes explorações de café (para a Tofa e Sical, etc.) de frutas tropicais, de arroz, de algodão, de chá para criação de gado, para exploração de diamantes e de petróleo. As riquezas florestais africanas são saqueadas para negócio. Alguma vez os trabalhadores portugueses lucraram com a desgraça dos povos coloniais? Não. Os trabalhadores portugueses sempre tem sido explorados pela burguesia nacional e estrangeira, e são precisamente essas burguesias que lucram com a exploração (a super-exploração das riquezas dos povos africanos. Pela intensificação da exploração colonial, a burguesia nunca aliviou a exploração dos trabalhadores portugueses. Bem pelo con-

trário. O desenvolvimento da exploração colonialista acarretou o desenvolvimento das guerras colonialistas e o peso destas guerras descarregado sobre os povos colonizados oprime também e cada vez mais os operários, os camponeses, e os soldados portugueses que de dia para dia têm de se sujeitar a uma opressão cada vez maior para defenderem os interesses da classe que está no poder, a burguesia.

Mas a exploração colonialista e a guerra colonialista acabarão e a burguesia colonialista será expulsa das colónias. Os trabalhadores angolanos iniciaram em 1961 a actual guerra popular de libertação. Os fascistas portugueses diziam que era coisa de pouco tempo, que eram alguns insurretos vindos de países estrangeiros, que eram inimigos das populações e que além do mais eram militarmente fracos. Todas essas coisas e muitas mais que os fascistas disseram eram mentiras e caíram-lhes em cima das cabeças. A guerra já lá dura há mais de dez anos, os combatentes revolucionários contam-se aos milhares, vivem entre o seu povo e são protegidos por toda a população, e os seus progressos militares são estrondosos. A partir de 1963 a guerra de libertação vem dando cada vez mais força ao povo da Guiné que libertou já quase todo o seu território, sendo a derrota do assassino Spínola

inevitável dentro de pouco tempo. Nós, os trabalhadores nada temos a perder. A burguesia, sim, tem a perder a mama do lucro. Em Moçambique o colonialismo português e sul-africano tem roubado ao povo, as suas maiores riquezas, e as suas vidas. Mas desde de 1964 que os combatentes moçambicanos têm alcançado vitórias sobre vitórias nas batalhas contra o exército que defende os interesses da burguesia. A derrota dos fascistas e do governo do Marcelo nas guerras coloniais é um grande passo em frente para a libertação dos povos oprimidos da África e de todo o mundo. A derrota dos fascistas portugueses nas guerras coloniais é um grande passo em frente na caminhada do povo português para a vitória contra a exploração e contra a opressão capitalistas. Nas fábricas, nos campos, na rua, nos quartéis, em toda a parte os trabalhadores portugueses devem lutar pela derrota da burguesia nas três guerras de África, encurtar a sua vida. Derrotada em África a burguesia portuguesa ficará imensamente mais fraca; terá que ceder mais e mais até à derrota, perante a força cada vez maior e a consciência cada vez mais clara dos operários, dos camponeses e dos soldados e de todo o povo revolucionário.

FIM A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA E COLONIALISTA!
 VIVA A VITORIOSA LUTA ARMADA DOS POVOS DAS COLÓNIAS!
 OS POVOS REVOLUCIONÁRIOS DE TODO O MUNDO VENCERÃO!

DEVEMOS FAZER PICHAGENS

1º) O que é uma pichagem?

Uma pichagem é uma inscrição numa parede com uma frase curta e bem legível (de preferência a vermelho, negro ou branco conforme a cor da parede) e que deve ser usada em locais de grande trânsito de pessoas.

2º) Como se organiza uma pichagem?

Uma pichagem deve ser feita por um grupo de revolucionários, sendo um encarregado de escrever e os outros encarregados de vigiar a zona e proteger o camarada que escreve. Nunca se deve fazer uma pichagem sem ter observado o local e a zona em dias anteriores, de noite e de dia nas horas de movimento. Os camaradas que fazem a pichagem devem discutir em segredo e com toda a segurança as frases que vão escrever, bem como todos os pormenores da acção.

3º) Processos de pichagem.

Há vários processos de fazer pichagens. Um é utilizando um balde, uma lata ou um saco

de plástico com tinta e uma trincha. Outro processo é utilizando também um balde e uma esponja. Outro ainda é usando uma bomba aerosol, mas este processo é caro, embora tenha todas as vantagens, porque é rápido, limpo e ocupa pouco espaço.

Em vez de tinta pode usar-se nitrato de prata e dissolvido em água. Vantagens: não sai quando a parede é lavada, e quando é pintada por cima permanece legível. Quando se pinta de noite, não se vêem as letras que só aparece depois de haver luz. Desvantagens: o nitrato de prata tem de ser usado com cuidado porque queima a pele e a roupa, deixa portanto vestígios muito facilmente.

4º) Quando se devem fazer pichagens?

Devem fazer-se pichagens sempre que o movimento revolucionário necessite de transmitir às largas massas palavras de ordem, convocações ou apenas frases revolucionárias e incitamentos à luta.



O QUE É O REVISIONISMO

O revisionismo é como se chama o veneno que tenta por vezes entrar na classe operária e afastá-la da sua justa luta revolucionária contra o capitalismo. É um veneno perigoso porque aparece disfarçado de amigo dos operários e até tem a pouca vergonha de algumas vezes se intitular "comunista". A burguesia vendo há muitos anos, o grau avançado de consciência dos operários arranjou ao lado das forças repressivas da polícia, da guarda, dos espíões, dos provocadores, uma forma de envenenar as lutas operárias e as conduzir à derrota. Faz para isso muitas coisas: tenta meter o espírito capitalista nos operários, dando prémios e de outras maneiras, conseguindo até que se trabalhe mais; tenta desunir os trabalhadores por todas as formas, ora impedindo que se organizem, ora prometendo melhores lugares a operários fracos a troco de informações e de traições, etc. Mas a forma mais avançada de a burguesia envenenar o movimento revolucionário dos operários é com o revisionismo. É tentar que os operários quando lutam não prejudiquem muito a burguesia e acabem por ficar derrotados. Quando estamos dispostos a lutar no caminho da revolução, vêm os revisionistas dizer que isso não, à porrada não, para fazermos abaixo-assinados e irmos pa-

ra os sindicatos fascistas dos patrões, para acabarmos por ficar marcados pela polícia e com os burgueses a rirem-se. Metem-nos ainda outras petas: que nós sem os doutores e os "democráticos" não somos nada, que o que devemos é ir recensear-nos para votar nas eleições dos burgueses. Se se sentem encostados à parede dizem mesmo que sim, que é preciso realmente uma insurreição para pôr no governo os tais "democráticos" e a eles também, claro. Os revisionistas quando veem que os operários tomam consciência que só o comunismo científico pode acabar com a exploração, também se dizem comunistas nas palayras, porque na prática são inimigos da classe operária. Se se lhes fala em Estaline até estremeçam, porque sabem como o grande guia do proletariado, Estaline desmascarou os patifes revisionistas. Mas se virem que nos interessamos e apoiamos Estaline até são capazes de vir dizer que sim, mas que isso não interessa, que o que é preciso é a "unidade" e negam por completo a linha revolucionária de Estaline, como o famigerado Kruschef fez na Rússia, traíndo a revolução e começando a reconstruir o capitalismo. Se ouvem falar do camarada Mao Tsé-Tung, então até se escondem de baixo das secretárias com

ARMADAS

CONTRA A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA-IMPERIALISTA-COLONIALISTA.

No mês de Novembro 3 acções de sabotagem (entre outras) foram praticadas contra re-dutos capitalistas-imperialistas-colonialistas.

No quartel general de Lisboa que ficou em grande parte destruído, numa base secreta da NATO no Pinhal do Arneiro (Setúbal) que ficou totalme-

te destruída estimando-se os prejuízos imperialistas em material de bombardeamento nuclear em dezenas de milhares de contos, e em dispositivos de artilharia anti-operária no Barreiro também destruídos. Num comunicado dos revolucionários que empreenderam estas acções afirma-se "... só por si acções violentas deste tipo não poderão conduzir à derrota definitiva do fascismo e à tomada do poder pelos trabalhadores. Elas terão que ser inseridas e enquadradas numa luta política global que assuma todas as formas ..." e proclamam que os seus objectivos fundamentais são: "Luta contra o capitalismo e o seu poder de estado fascista; luta contra o colonialismo e o neo-colonialismo; luta contra o imperialismo."

EM PORTUGAL

os cabelos em pé, porque sabem que o pensamento da camarada Mao Tsé-Tung é a linha proletária revolucionária da nossa época, o resumo magnífico das experiências revolucionárias dos operários do mundo inteiro. Mas há ainda um remédio para descobrir e afugentar o veneno revisionista: o emprego da violência de massas contra os patrões e contra o Estado Burguês, o desenvolvimento da consciência política e da organização operárias.

Camaradas: alguns operários (poucos) estão envenenados pelo revisionismo, porque esta é a ideologia da pequena burguesia e não dos operários revolucionários. Devemos ajudá-los a seguir uma justa linha com paciência, demonstrando-lhes como são as coisas. Mas a outros, aos que virmos que vêm com ela ferrada para afastarem a classe operária do caminho da revolução, sobretudo capatazes, controladores, doutores e até alguns patrões!!!; porrada neles sem piedade.

FIM À TRAIÇÃO REVISIONISTA.

O MARXISMO-LENINISMO GUIARÁ POR TODA A PARTE OS OPERÁRIOS À VITÓRIA DO COMUNISMO.



Camaradas: a imprensa burguesa e reaccionária tem falado muito, últimamente da visita do presidente Nixon a Peking, como uma concessão da política anti-imperialista dos camaradas chineses. Alguns grupuscúlos ditos de extrema esquerda (de tendência pequeno-burguesa inimigos do comunismo), chegam mesmo a caluniar os camaradas chineses, acusando-os de alianças com o imperialismo. Esclareçamos este facto e não nos deixemos enganar. A política dos nossos camaradas chineses foi e será sempre uma política de combate feroz ao imperialismo e aos reaccionários e de aliança e de ajuda aos povos revolucionários do mundo inteiro. Em primeiro lugar é conveniente esclarecer que a iniciativa da visita partiu do próprio Nixon. Em segundo lugar, segundo os camaradas chineses, estes estão dispostos a recebê-lo não como um estadista amigo com quem se toma calmamente o chá, mas como ao chefe do imperialismo mundial. E por que o recebem os camaradas chineses? Porque a luta dos povos da indochina e os ataques incessantes da República Popular da China conduziram os E.U. a uma situação tal que hoje a relação de forças no plano mundial é a favor do campo da revolução. E os camaradas chineses acrescentam e esclarecem: " a urgência da re-

tirada dos E.U. e das suas forças do Vietname e a evacuação das tropas de outros países que seguirão os E.U. na indochina. É muito mais imperiosa do que a restauração das relações entre os povos chineses americano". Na hora actual as guerras de libertação que os três povos indochineses travam contra a agressão americana, desenvolvem-se vitoriosamente. A derrocada do imperialismo ianque sobre os campos de batalha da indochina é facto assente. Apenas por este motivo e não por outro, isto é, com o fim de apressarem a retirada das tropas americanas da indochina é que os camaradas chineses receberão o chefe dos imperialistas e dos reaccionários. Não nos deixemos enganar, camaradas. A China continuará vermelha!

IMPRESSA

Chegou-nos um exemplar do nº10 do jornal "O Comunista", o nº5 de "Luta Popular", o nº4 de "O Bolchevista" e o nº1 de "Luta Operária" (organão dos trabalhadores revolucionários imigrados na Suécia).

Saudamos de punho erguido o aparecimento de mais estes números, no desenvolvimento da luta proletária que levará à formação do partido comunista revolucionário do proletariado.

REVOLUCIONÁRIA

O MARCELO FALA¹⁷

O Marcelo fala e a vida sobe. Diz que está a resolver as coisas, que é preciso paz, etc., mas o pão está mais caro, o açúcar, o arroz, o óleo, o vinho, as batatas, tu do é mais caro! Então como é? Querem que trabalhem cada vez mais, produzir mais e mais, mas o nosso preço (o preço da nossa força de trabalho) não aumenta; mas o bocado que temos de comer para vivermos passa para mais do dobro. Porque é que se constroem palácios da "justiça" que custam milhares de contos, porque é que os ministros quando acabam os mandatos têm quintas, porque é que o patrão só come do bom e do melhor, tem casa de campo e de praia, tem três ou quatro carros? Então como é? Já chega de trapalhices sr. Marcelo, já chega de promessas; com que então é preciso "paz" (?), pois prepara-te para a guerra. Não há dinheiro? O que produzimos por cinco rende quinhentos, tu bem sabes, gastas noventa e cinco no material e nas ferramentas e que fazes aos outros quatrocentos? Comes e bebes, assassinas "pretos" e investes em novas fábricas para explorares mais camaradas; estás a pagar as dívidas? Quem as fez? É o material de guerra que é caro, para que precisas dele, para a guerra colonial, mas porque és lacaios dos imperialistas? Mas que culpa temos nós e os camaradas operários

das colónias, que os teus amigos Casal Ribeiro, Melos e companhia tenham sanzalas que lhes rendem fortunas? Para pagares aos bufos e apídes, para alimentares cães polícias não te falta dinheiro? Então como é? Acabou-se a paz. O povo está farto da tuas aldrabices. A luta continua cada vez mais intensa a luta começa na fábrica; então não há dinheiro para aumentar os salários, mas as máquinas aumentam; e que tal 15 tostões de açúcar numa máquina de mil e quinhentos contos? Era uma vez uma máquina, e a produção-exploração diminuía, mas há mais maneiras, fica a saber sr. Marcelo, sr. patrão, nós somos invencíveis, tu que andas sempre a repetir que no século XV os portugueses deram novos mundos ao mundo, fica a saber que vamos dar um novo mundo para aqueles que trabalham, um mundo em que tu e os patrões não têm lugar, um mundo em Portugal feito pelas nossas mãos, como alguns povos irmãos já fizeram e todos os outros vão fazer.

FIM À EXPLORAÇÃO

VIVA A REVOLUÇÃO

A VIDA SOBE

O VAMPIRO DE AMARANTE 18

O COMENDADOR JOSÉ ABREU "O JOMEDOR" TRANSFORMA-SE EM "VAMPIRO".

Camaradas: O poder político surge para defender o poder econômico, ou por outras palavras, o Estado é criado para defender a exploração dos capitalistas sob a capa de defender os interesses do povo. Outras vezes acontece que os grandes capitalistas, donos de fábricas, tomam eles próprios os postos-chaves do governo para poderem aumentar mais os seus lucros que é como quem diz aumentar mais a exploração, sugar cada vez mais o sangue dos trabalhadores. Para ilustrarmos este facto, falemos de José Abreu, principal co-proprietário das fábricas Tabopan em Amarante, presidente da Câmara, comendador, etc ... Contemos a história deste "vampiro", como consegue explorar cerca de 2.000 operários para além da repressão e opressão a que submete o povo do seu concelho, e de como contribui para a exploração dos trabalhadores de todo o país. Este "vampiro" José Abreu, após o incêndio da oficina do pai, ficou de posse de uma avultada indemnização (milagres destes acontecem muitas vezes aos "vampiros") e como se tal não chegasse para as aspirações do Abreu casou com uma tola rica, o que lhe permitiu montar uma nova fábrica, mais adequada aos tempos

novos. Então ó sorte! Fez-se amigo do Trigo Negreiros, ministro do governo salazarista, que como recompensa da sua eficácia na exploração lhe abriu as portas do Banco do Fomento, cujas verbas utiliza não só na sua fábrica como também em empréstimos particulares. De patrão a usurário! Como recompensa da sua fidelidade canina, a corja marcelista "selou-o" com a ordem de comendador e passou desde então a ser mais conhecido como o "comedor". O povo não esquece os cães que o mordem! Então o Abreu resolveu divorciar-se. A tola-rica já não servia para nada. Arranjou uma "mulher" para mostrar aos amigos. Mas ainda não lhe chegavam os avultados lucros que extraía do sangue dos operários - ainda hoje a média dos salários não ultrapassa os 60,00 e há trabalhadores que têm de sustentar a família e ganham ainda menos. Então ele começa a revestir a mobília tabopan com folhinhas de mogno, e ainda hoje faz isso, vendendo-a como se fosse toda em mogno (invenções destas só lembram aos vigaristas), e para poder continuar a "trabalhar" à vontade sem ter de confiar demais nos seus lacaios, foi ele próprio para presidente da Câmara. Mas o "vampiro" Abreu, não fica por aqui, pois ele só pode viver à

custa do sangue dos trabalhadores. Que faz ele como presidente? Impede que se faça um plano de urbanização oque lhe permite adquirir a baixo preço terrenos que confinam com as suas fábricas, utiliza a polícia para manter a "ordem" burguesa ou seja: reprime a população e tenta impedir que os trabalhadores gritem a sua revolta. Para continuar a manter os salários miseráveis que levaram vários operários para o sanatório, recusa como presidente da Câmara várias licenças de saída para o estrangeiro de operários seus. À custa da privação de milhares de operários este "vampiro" vai oferecendo almoços e jantares aos seus pares suecos, japoneses e ao Tomás como não podia de deixar de ser. Para gaúdio e alegria sua os seus capitais aumentam enquanto que os trabalha

dores são obrigados a trabalhar cada vez mais, frequentemente 12 e 14 horas por dia, para conseguirem sobreviver.

Camaradas: Este "vampiro" voou alto de mais e teme cada vez mais uma queda de tão alto. Por isso distribui migalhas pelos seus lacaios para que o defendam (encarregados das fábricas, o Arlindo, ex-guarda costas do Salazar e actual cão de guarda do "vampiro", e muitos outros). Mas o povo é imenso, cada vez mais forte e não têm piedade de canalhas deste calibre.

CONTRA O "VAMPIRO".

CONTRA A EXPLORAÇÃO
CAPITALISTA.

CONTRA A DITADURA BURGUESA.

O POVO EM LUTA É INVENCÍVEL.

OS CAPITALISTAS QUEREM OBRIGAR VELHOS E DOENTES JÁ REFORMADOS A TRABALHAREM. OS CAPITALISTAS QUEREM ASSASSINA-LOS.

Em muitos locais andam comissões "médicas" da caixa de previdência, a obrigar os velhos e os doentes já reformados a irem trabalhar. Dizem a quase todos que estão bons e que se não forem trabalhar acaba-se a miserável reforma que nem para comer dá. A isto chama-se assassínio!

MORTE AO CAPITALISMO ASSASSINO!

A EXPLORAÇÃO NO CAMPO 20

A EXPLORAÇÃO DOS CAMPONESES
E DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS
(depoimento)

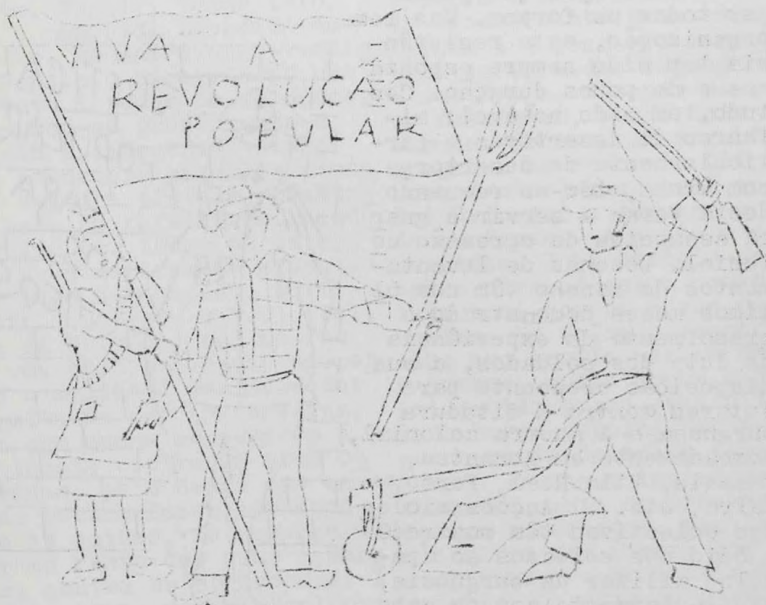
Na minha terra toda a gente anda descontente por causa do custo de vida. Os preços sobem e as pessoas, para comprarem as coisas mais necessárias, vivem do que dá o trabalho nos campos. As pessoas vêm que esse trabalho lhes é roubado, e muitas pensam que os grandes culpados são os especuladores, os armazenistas, e que isto se resolvia acabando com a especulação. Ora isto não é assim, e por isso eu vou dizer como é que as coisas se passam na minha terra. Aqui toda a gente produz batata. Tanto os lavradores ricos (que têm gente a trabalhar para eles) como os camponeses pobres produzem batata, e mesmo os jornaleiros (que trabalham para os outros) cultivam batata no bocado de terra que têm. Só os lavradores ricos podem vender a batata na melhor altura, quando lhes dá mais lucro, enquanto os camponeses pobres e os jornaleiros têm que vender a batata para arranjar dinheiro para viver. Quem compra a batata são os intermediários que muitas vezes são os próprios lavradores ricos e seus representantes. Se a produção é muita, (isto é, se é uma época de muita batata), a malta tem que se sujeitar a vendê-la por um preço baixíssimo que não dá para nada. Os intermediários que conhecem o mercado, é que vão fazendo negócio. Se a produção é pouca,

vende-se um pouco mais caro, mas, como é pouca, também não rende quase nada. Os intermediários é que a vão assambarcando, para fazer subir o preço, (o que vai prejudicar os trabalhadores) ou para provocar a importação, o que vem a dar o mesmo. Os grandes produtores ao contrário, como não são obrigados a vendê-la nessa altura poderão fazer o seu negócio pelo melhor preço e na melhor altura. Este processo, se atinge os camponeses pobres enquanto produtores atinge-os também enquanto consumidores, por exemplo do vinho, que os armazenistas estragam com água para aumentarem os lucros, o que provoca muitos protestos por parte dos trabalhadores. Tudo isto faz com que os camponeses vejam o seu grande inimigo na figura do especulador, (o negociante, o feirante, o armazenista), que lhes rouba o seu trabalho. Para muitos a solução seria os preços serem fixos o que acabaria com a especulação. Ora isto não é só assim, e a prova é que os grandes lavradores continuam a fazer o negócio como querem, sem terem que se sujeitar aos especuladores (muitas vezes são eles próprios), e sem sequer trabalharem, pois, como são os donos das terras, tem a malta a trabalhar para eles. Isto é: enquanto os grandes vivem do trabalho que nos roubam e vendem os seus produtos como querem, nós os

trabalhadores, somos roubados a trabalhar para eles, e depois ainda nos roubam na venda dos nossos próprios produtos. Se eles não existissem, os produtos agrícolas vendiam-se segundo as necessidades de quem os consome, e pelo preço justo do seu trabalho. É porque a única solução verdadeira é acabar com o pequeno número de parasitas que possuem as terras, os armazéns e tudo o resto e que por isso se entendem uns com os outros para melhor roubarem o nosso trabalho que é do que eles vivem.

O que devemos fazer é continuar a discutir estes nossos problemas como já começamos a fazer cá na terra, mostrar quem são os culpados desta situação de miséria em que vive o povo.

Mas isso não basta. Temos que nos unir e lutar, juntamente com todos os trabalhadores, para acabar com os que vivem à custa do nosso trabalho (patrões, grandes proprietários e especuladores - em suma: a burguesia). Temos que lhes arrancar as terras, as máquinas e os armazéns, que nada valem sem o nosso trabalho.



A LUTA DOS SOLDADOS

Os soldados são principalmente operários e camponeses a quem a burguesia explora, vestiu uma farda e meteu nas mãos uma arma. São portanto elementos do povo ainda mais oprimidos pela burguesia e que se encontram na posição interessante de terem o principal poder militar da burguesia nas mãos, ao mesmo tempo que são o sustentáculo da exploração capitalista-colonialista. Os soldados de Portugal, nem são coloniais nem lutam pela burguesia. São obrigados à força a tornarem-se soldados, mas resistem sempre que podem por todas as formas. Mas sem organização, esta resistência tem sido sempre espontânea e de pouca duração. Contudo, tem sido notável: milhares de desertores e particularmente de desertores com armas, têm-se recusado desta forma a servir a guerra assassina de opressão colonial. Dezenas de levantamentos de rancho têm nos últimos meses demonstrado o crescimento da experiência de luta dos soldados, a sua disposição crescente para lutarem contra a ditadura burguesa e a guerra colonial, nomeadamente em Abrantes, Cascais, Vila Real, Porto, Mafra, etc... Acções violentas colectivas têm mostrado o ódio dos soldados ao aparelho militar da burguesia, particularmente com os cabos verdianos obrigados sob mira

das armas a virem fazer a recruta. Espancamentos e apedrejamentos de agentes notórios da ditadura burguesa nos quartéis, têm-se repetido nos últimos meses por parte dos soldados fartos e revoltados contra a opressão. Estas lutas apontam o caminho dos soldados: organizarem-se e colocarem-se ao lado das lutas operárias e camponesas contra a exploração, prepararem-se para ferir e ajudar a liquidar a burguesia no seu próprio coração.



UM CASO ENTRE MIL 23

Em meados de Outubro, em Abrantes, no R.I.2, quando se entrou para o refeitório, um camarada cabo-verdiano apresentou o seu prato onde estavam dois bocaditos de batata "camuflada" e um bocadinho de peixe podre, ao oficial de dia de nome Bicho, explicando-lhe que aquilo não chegava para alimentar ninguém, muito menos quem tem como eles de fazer crosses diários de 16 e mais quilómetros; a resposta do Bicho foi tirar-lhe o prato das mãos e atirar-lho à cara dizendo: Queres mais? Deixa cá ver o prato. Toma!". Vendo isto, com o camarada agredido estético, um outro cabo-verdeiano sentindo na agressão, uma afronta a todos os soldados, levantou-se prontamente e atacou à cabeça do Bicho que cobardola puxou da pistola. Vendo a pistola o camarada saiu do refeitório, sendo seguido por todos os outros que se dirigiram em massa ao edifício do comando. Entretanto, apareceu a P.U. (Polícia da Unidade) que ao fim de uma hora conseguiu dispersar a multidão dos soldados revoltados que protestavam, mas sem nunca empregarem a violência contra os seus camaradas, pois desde que estes lhes saibam fazer ver como são as coisas, se saberão unir ao resto dos seus camaradas, contra os opressores. À tarde, houve rancho "melhorado" mas muito mau, pois o que normalmente dão é sempre mu-

tíssimo mau. O soldado que deu a resposta justa à agressão do Bicho foi preso depois dos "ânimos acalmados", acabando por ser libertado poucos dias depois em virtude dos movimentos de massa dos soldados, contra a sua prisão. Dias mais tarde, a luta continuou contra a lavagem que se impingia aos soldados. Quando entravam para o refeitório, vendo que a comida comia sempre, mais parecia lavagem para porcos, resolveram recusar-se em massa a comer, saindo todos (excepto 3), em direcção ao comando onde apareceram três oficiais, tentando fazer frente à massa à beirada e a pontapé. Perante isto os soldados empregaram a sua força, fazendo recuar os fascistas, sendo dois camaradas presos. Em seguida chegaram os maiorais (1º e 2º comandantes) que foram ao refeitório ver a lavagem e mandaram formar. A custo o conseguiram. O 2º dirigiu-se à malta dizendo que o comer estava bom, porque é que não comiam. Um soldado respondeu-lhe que aquilo não se dava a porcos, muito menos a gente. Foi também preso, sendo libertado horas depois, uma vez que o resto da malta se recusava a ir fazer instrução nocturna enquanto os presos não fossem libertados. Mas isto não ficou nem ficará por aqui. Continuarão a existir da parte da massa dos soldados, manifestações de revolta; não só contra a co-

nida e os maus tratos, mas também contra a guerra colonial e o militarismo fascista em geral. Estudando e discutindo estas lutas, os seus aspectos certos e os seus aspectos errados, faremos avançar o nosso movimento de libertação popular mil vezes mais, do que andando às cegas.

1-As leis da burguesia não interessam aos soldados. Assim os burgueses dizem que para haver um verdadeiro movimento, têm de ser todos a participar, como por exemplo nos levantamentos de rancho em que os burgueses dizem que se alguém comer já não é levantamento. Temos de destruir completamente esta ideia falsa, porque a maioria significativa é que tem força e deve mandar. Nós não lutamos para satisfazer a lei dos burgueses. No caso de Abrantes lutamos entre outras coisas, para comer. E desde que sejamos a maioria, assaltamos violentamente a messes dos oficiais e comemos, não temos nada a haver com essas leis imbecis que os burgueses usam para estragar a eficácia dos nossos movimentos. O que é preciso; é que a minoria que fique, mal nos possa resistir, e que possa ser aniquilada se o tentar. Isto é válido não só para o quartel, como também para a fábrica e para o campo.

2-Precisamos de organizar as lutas, Devemos preparar tudo com antecedência no maior segredo. Juntamos, poucos (os de maior confiança) e combinamos tudo, quem são os que

24
08
falam ou que não falam, o que fazem isto ou aquilo, o que devemos fazer se o inimigo disser que sim ou não. Temos tudo planeado. Ao mesmo tempo, temos de arranjar maneira de discutir a opressão, para vermos que vivemos debaixo de uma ditadura dum punhado de capitalistas que oprimem e exploram o povo, para sabermos como lutar. O que é importante, é sempre bom repetir é que tudo seja feito no maior segredo, e que aquilo que tivermos a dizer a todos seja dito de preferência só no momento se for caso de coisas que convenha o inimigo não estar a contar.

3-Devemos evitar sempre que possível, que camaradas se tenham de distinguir, arranjando se pudermos outras formas: 3 ou 4 papéis (de letra bem disfarçada) que rodem por todos e digam o que não está certo e o que devemos fazer. Ou então falarmos do meio da malta sem o inimigo topar.

Se alguém for preso temos de lutar por todas as formas para o libertar.

4-Devemos responder taca a taca aos ataques da burguesia e passarmos à ofensiva. Se vamos em choradinhos os burgueses riem-se. Devemos usar a nossa força que é esmagadora e as armas que os burgueses nos derem e virá-las contra eles que são os nossos verdadeiros inimigos.

IRLANDA

A imprensa burguesa, sustenta d'apelos capitalistas para enganar o povo, os jornais, a rádio e a TV, têm vindo a relatar a luta de classes que se desenrola na Irlanda, como se se tratasse de uma luta entre religiões. Ora isto não passa de uma grande aldrabice. A luta do povo irlandês contra o colonialismo-imperialismo britânico, é uma heroica luta armada que se desenvolve à mais de cinco séculos. Nesses cinco séculos, milhares de combatentes foram assassinados ao lutarem contra a opressão dos colonialistas ingleses, ao lutarem pela independência nacional. Mas só ultimamente a direcção da luta passou a ser exercida por elementos de vanguarda do povo em que a classe operária desempenha um importante papel. A burguesia da Irlanda (os chamados protestantes) aliou-se claramente ao imperialismo britânico, de forma que actualmente a luta na Irlanda é uma luta da classe operária e de mais sectores oprimidos contra a burguesia e o imperialismo britânico. A luta armada revolucionária do povo irlandês caminha a passos largos para a vitória. Os burgueses tremem ao verem aparecer junto de si uma Irlanda Vermelha e livre da opressão colonial e capitalista. Mas nada deterá a luta dos povos. A vanguarda armada do povo irlandês, o I.R.A. segue cada vez mais o caminho dos povos de todo o mundo, a linha marxista, revolucionária,

25
ria, a linha da vitória.
VIVA A VITORIOSA LUTA ARMADA DO POVO IRLANDESE!

ESPAÑA

Com medo que a luta mundial dos proletários se desenvolvesse, a imprensa dos capitalistas esconde e deturpa constantemente as lutas operárias que se passam nos outros países. Assim, pretende que os operários de cada país se sintam sós, assim pretende combater o caminho da Revolução Mundial Proletária. Mas os operários portugueses não estão sós. Da Itália ao Vietname, os povos com a classe operária à cabeça travam uma vitoriosa luta mundial. Aqui mesmo ao lado, em Espanha a luta se desenvolve cada vez mais intensa. Nas Astúrias, em Sevilha, em Bilbao, em Barcelona, os nossos camaradas espanhóis têm no ultimo mês desencadeado grandes movimentos de greve, mineiros, operários da construção civil, da mototagem de automóveis, etc. No momento em que o nosso jornal entra para as máquinas, as Astúrias estão completamente paralizadas pela greve geral. A burguesia de Espanha, cadela fiel do imperialismo americano reprime estas lutas cada vez mais violentamente. Mas, o sistema encabeçado pelo assassino Franco não deterá a vitoriosa luta de Espanha. Um dia virá em que as nossas lutas poderão ser coordenadas com as de Espanha, na estrada da invencível Revolução Mundial Proletária.

MARX e ENGELS foram os fundadores do comunismo científico. Eles souberam descobrir e ensinar não só que toda a história até aos nossos dias é a história da luta de classes, mas também que a luta de classes que actualmente se processa na sociedade capitalista é diferente das anteriores. Pela primeira vez na história, as classes exploradas sairão totalmente vitoriosas. MARX e ENGELS demonstraram como assim era o rumo da história independentemente da vontade dos exploradores. O proletariado tomará o poder das mãos da burguesia e instaurará a ditadura do proletariado para construir a sociedade sem classes, a sociedade comunista. A obra de KARL MARX, "O Capital" é a grande obra onde o proletariado pode encontrar o guia que o ajude a compreender totalmente os maquinismos da exploração capitalista.

LENINE foi o grande dirigente da Revolução Bolchevista de 1917 na Rússia. LENINE soube desenvolver as teorias de MARX e ENGELS para uma nova época, para a época do capitalismo-imperialista, ou seja para a época em que os capitalistas de cada país deixam de actuar relativamente isolados, para se agruparem numa grande cadeia. Na época do imperialismo, LENINE soube dar as justas palavras de ordem bolchevistas da Revolução Russa, promovendo a aliança dos operários, dos camponeses e dos soldados,

debaixo da direcção dos primeiros, defendendo com intransigência o marxismo das deturpações de muitos burgueses que se disfarçam em amigos dos operários, defendendo e organizando um forte partido revolucionário, disciplinado e apoiado nas massas, capaz de dirigir victoriosamente a tomada do poder. ESTALINE, companheiro de armas de LENINE no partido bolchevista e na tomada do poder pelo proletariado, desenvolveu as teorias de MARX, ENGELS e LENINE e colocou à mercê da luta proletária, as experiências mundiais de luta. ESTALINE foi o grande guia do proletariado na tarefa heróica de construir o socialismo num país extremamente atrasado e acochado por todos os lados pelas agressões e provocações dos imperialistas. Foi o grande defensor do comunismo, contra os deturpadores, provocadores e traidores das várias cores, amedrontados e enraivecidos com os sucessos gloriosos da Revolução. ESTALINE, dirigiu a construção do socialismo, pela primeira vez na história. Durante esta tarefa gloriosa, erros e deficiências também foram cometidas pela direcção do P.C. da Rússia. Mas o marxismo ensina-nos que a prática e só a prática nos permite ter conhecimentos acertados. E as deficiências e erros havidos nas mãos de verdadeiros comunistas são

uma arma preciosa para a aplicação de uma justa linha. Após a morte do grande JOSÉ ESTALINE, uma camarilha de renegados e de traidores con seguiu infiltrar-se na direcção do Partido, negar os princípios elementares da Revolução Proletária, perseguir e metralhar como fascistas o povo (como o povo da Geórgia) que se levantou em armas contra a traição e começar a reestaurar o capitalismo. Hoje na Rússia, o capitalismo continua a desenvolver-se e a envenenar a gloriosa árvore socialista plantada debaixo da direcção de Lenine e Estaline. Mas o proletariado russo, já organizado em partido clandestino bolchevista saberá mais dia menos dia correr a camarilha revisionista e seguir a justa linha da Revolução Proletária Mundial.

A experiência de luta dos proletários e dos povos, bem como o campo socialista, foi em 1949 enriquecido com a tomada do poder por 600 milhões de explorados, dirigidos pelo Presidente MAO TSE-TUNG. Se com LENINE e ESTALINE o imperialismo ainda estava num período de força, a época do pensamento de MAO TSE-TUNG é a época descendente do imperialismo, a época em que os proletários e os povos do mundo inteiro se encaminham para a vitória do socialismo, e os imperialistas para a derrota total. O pensamento de MAO TSE-TUNG, é o marxismo-leninismo da época actual. A direcção do Partido Comunista da China encabeçada pelo ca-

marada MAO soube apontar o caminho do cerco das grandes metrópoles imperialistas pela libertação das colónias, apressar a agonia do imperialismo e a tomada do poder no próprio coração dos países capitalistas-imperialistas pelo proletariado revolucionário.

O pensamento de MARX, ENGEL, LENINE, ESTALINE e MAO TSE-TUNG é pois, para a classe operária e para os povos oprimidos do mundo inteiro, uma arma valiosíssima, o resumo das experiências das lutas passadas, a bússola no caminho libertador do socialismo e do comunismo.

VIVA A LINHA
DE MARX
ENGELS
LENINE
ESTALINE
E
MAO TSE-TUNG



LUTA OPERÁRIA

A Covilhã é uma zona operária têxtil de fortes tradições de luta. Nos últimos anos a exploração capitalista tem, como em toda a parte, aumentado, sobretudo com o aumento da dominação imperialista, nomeadamente japonesa. Os capitalistas cada vez ganham mais, a carestia da vida é cada vez maior, e os salários estão cada vez mais ... na mesma ou com pequenas alterações.

No dia seguinte, os capitalistas chamaram o exército. Houve uma tentativa de assalto ao Banco Espírito Santo e os operários apedrejaram uma fábrica e a casa de um director de uma empresa.

Ao fim da tarde houve uma nova concentração e trolha da grossa com a guarda e a PSP. Nisto tudo, o sindicato nem vê-lo.

Há 7 operários hospitalizados e pelo menos 3 chûis.

NA COVILHÃ

Um dos principais exploradores da zona é o Paulo de Oliveira dos reclames da TV. No dia 10 de manhã, nas duas principais fábricas da Covilhã fez-se greve ao trabalho durante 3 horas. De tarde, duas outras fábricas aderiram. Às 16 horas a maioria dos operários concentrou-se durante muito tempo no centro da cidade proclamando as suas reivindicações. A cidade foi cercada pela Guarda e pela Polícia que prendeu vários operários.

Consta também que um operário foi assassinado em plena rua por golpes de sabre. Esta é a resposta que a burguesia dá às reivindicações operárias. Contra esta violência burguesa, só a violência operária revolucionária é a resposta justa e o caminho para o fim da exploração: o caminho da Revolução.

PROSSIGAMOS NA LUTA.
A VITÓRIA SERÁ NOSSA.
EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR!

" O GRITO DO POVO " JORNAL OPERÁRIO COMUNISTA

Nº 1 DEZEMBRO DE 1971

Preço: 1,00